

«ROSALINDA, A NENHUMA», A HISTÓRIA DE UM AMOR PÓSTUMO

Lola G. XAVIER¹

RESUMO

Com o presente texto pretende mostrar-se:

- a importância do título do conto «Rosalinda, a nenhuma» para o decifrar do significado dessa narrativa: das expectativas às conclusões;
- a solidão, tristeza e infelicidade da personagem principal e suas implicações;
- a relação entre vida/morte e amor/morte;
- a relevância do estudo do simbolismo no texto para uma melhor interpretação do carácter pedagógico dos contos de Mia Couto.

PALAVRAS-CHAVE: Título, amor, morte, loucura, simbolismo.

Em jeito de introdução

«Rosalinda, a nenhuma», conto inserido em *Cada homem é uma raça* (1990), de Mia Couto, comunga com os restantes contos da obra não só pelo estilo peculiar do autor, como também pela particularidade do título. O título é já um resumo e um criar de expectativas em relação ao texto, é, neste caso, a apresentação da personagem principal.

No caso de Rosalinda, deduzimos facilmente que pertença à classe mais desfavorecida da sociedade (como aliás a grande maioria das personagens destes contos, à excepção, sobretudo, da princesa russa), depreendemos mais dificilmente que seja negra, uma vez que não encontramos nenhuma referência a esse propósito na narrativa a considerar: é que Rosalinda poderia ser de qualquer cor, ela representa uma «humanidade individual»². Ela simboliza as mulheres submissas aos maridos tiranos. E, apesar de tudo, capazes de lhes perdoarem e de os amarem *ab aeterno*.³ Ora, este masoquismo anti-natura só poderá ter um único desfecho: a sensação de não-ser, de loucura. Todo o conto é, pois, figurativo, simbólico e metafórico. E o multiculturalismo apresenta-se, aí, não pela convivência de personagens de várias raças (como, por exemplo, em «A princesa russa» e «Sidney Poitier na barbearia de Firiipe Beruberu»), mas pela convergência do destino humano independentemente da raça.

Aborda-se, assim, neste conto, dois temas fundamentais da vida do ser humano: o amor, metáfora da vida e da felicidade, e a morte, *terminus* impiedoso da caminhada humana. Contudo, como veremos, nem o amor é, para Rosalinda, a plenitude desejada, nem a morte (física, do marido, e psicológica, dela própria) se revela impeditiva e definitiva.

Como na generalidade dos contos do macrotexto, também este que aqui analisaremos evidencia um número reduzido de personagens e de espaços – aliás apenas teremos informações sobre um espaço (o cemitério) e o tempo apresentar-se-á representado por elipses e analepses. A toda esta gestão do discurso está subjacente um narrador heterodiegético que manipula a narrativa de acordo com os poderes que lhe são conferidos pela focalização omnisciente⁴.

¹ Professora Mestra da Escola Superior de Educação de Coimbra, Portugal.

² Cf., na obra, com as declarações do vendedor de pássaros.

³ É curiosa a ténue, ainda que algo significativa, relação que podemos estabelecer entre o enredo fulcral deste conto - a mulher que ama o defunto marido e que lhe visita amiudadamente a campa - e o enredo do romance português *Todos os nomes* (in: José Saramago, *Todos os nomes*, Lisboa, Caminho, 1997), em que também a personagem principal, o Sr. José, procura, «por amor», uma mulher que afinal já repousa no cemitério.

⁴ Refira-se, a este propósito, que dos onze contos de *Cada homem é uma raça*, sete deles são narrados de acordo com a perspectiva de um narrador heterodiegético.

Tendo em consideração que a maioria dos contos desta obra tem por título o nome de uma personagem (geralmente o da personagem principal) centrar-nos-emos na análise do título «Rosalinda, a nenhuma» e nas implicações que daí decorrem a nível discursivo.

O TÍTULO

1. «Rosalinda» — possíveis expectativas

Num primeiro contacto com o conto, o leitor atento aperceber-se-á de que a personagem principal do mesmo terá por nome Rosalinda. E este nome parecerá, desde o início, a adição de rosa + linda. Esta redundância despertará algumas desconfianças: o substantivo *rosa* é já por natureza o símbolo da formosura, da beleza e, aliado ao adjetivo *linda*, poderá conduzir à construção de uma personagem ideal e perfeita. Mas rosa é também símbolo do amor (do dom do amor, do amor puro), do coração, da alma. Assim, a tendência seria esperar que este conto tratasse de uma história de amor. Contudo, se não desistirmos aqui, perceberemos que rosa poderá ainda ter no seu significado impregnações do simbolismo da regeneração, da morte: desde a Antiguidade que se depõem rosas nas campas⁵. Esta simbólica conduzir-nos-á a um espaço funesto, de cemitério.

2. «Rosalinda»: confirmação /infirmação das expectativas

Se seguirmos as expectativas anteriormente criadas, poderemos chegar às conclusões traçadas a seguir.

A) O narrador pretendia que nos apercebêssemos da relação de implicação do nome da protagonista: «-Teu nome, Rosalinda, são duas mentiras. Afinal, nem rosa, nem linda» (p. 52).

É, contudo, a confirmação pela negativa que, aliás, se verifica no *incipit* do conto (que se inicia precisamente com o nome da personagem: Rosalinda), aquando da caracterização da personagem. Está-se em presença do humor na narração⁶, pois trata-se de uma caracterização impiedosa e hiperbólica que termina com o adjetivo «superlativa» (p. 49), visando apenas intensificar a obesidade de Rosalinda, sem se referirem outros pormenores de descrição física.⁷ Este retrato físico ganha maior relevo, uma vez que, de seguida, se opõe ao presente o passado, ou seja, à obesidade da viuvez, a «magreza» da mulher casada⁸. Aproveita-se este traço da caracterização física, no presente, para se caracterizar psicologicamente a personagem (o seu carácter doce e descontraído): «As mulheres gordas não zangam com a vida» (p. 49).

Passa-se, assim, do particular para o geral. O narrador compara, metaforicamente e de forma grotesca, estas mulheres aos bois «que nunca esperam tragédias» (p. 49). Tal comparação implícita é compreensível se se inserir no universo rural da personagem em questão. Este carácter terno de Rosalinda estará patente ao longo do conto⁹ e tomará tanto mais relevo quanto mais avançarmos na leitura, uma vez que sobressairá face ao carácter inóspito e violento do marido

⁵ Sobre o simbolismo da rosa, veja-se Jean Chevalier, *et alii*, *Dicionário dos símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994, pp. 575-576.

⁶ Cf. LARANJEIRA, 1995, p. 317.

⁷ O narrador acrescenta, ainda, a este respeito, ao longo do conto, a visão dos Outros: «Os outros admiravam-se da gorda Rosalinda» (p. 52 - sublinhado nosso). O próprio narrador a nomeia, em dada altura, como «a gorda» (p. 52), como se de um antropónimo se tratasse, e, no último parágrafo do texto, com o culminar deste processo gradativo, ela aparece reduzida a «gorda mulher» (p. 55).

⁸ Também ainda, por contraste, se apresenta a caracterização da sua rival: «uma moça bela e ligeirenta» (p. 53).

⁹ Cf. «com gesto terno, ela alisava a areia, afagando lembrança» (p. 50): note-se os vocábulos sublinhados, da nossa responsabilidade, que nos conduzem para o campo semântico da ternura.

defunto que, em vida, se embriagara, a maltratara, lhe batera e a traíra com outras mulheres¹⁰. Este contraste é desnecessariamente sintetizado pelo narrador na beleza da metáfora: «Jacinto, enfim, só dava despesas no coração da doce Rosalinda» (p. 51).

Rosalinda continua a ser, de seguida, caracterizada psicologicamente, destacando-se ao longo do conto a sua sinceridade, a vaidade no marido e a sua faceta de extremosa esposa, de mulher bondosa, que tudo perdoa.

Contudo, face à oposição entre o nome e a caracterização da personagem principal, a visão de Rosalinda de si própria é em tudo contraditória à visão que dela têm Jacinto e o narrador heterodiegético: «só a ela, Rosa e Linda, estavam destinados».

Note-se as maiúsculas dos nomes: estamos em presença de substantivos próprios e não de substantivos comuns como acontecia na fala de Jacinto, anteriormente citada. Este aspecto evidencia a importância que Rosalinda atribui a si própria em contraste com menosprezo a que é votada por Jacinto.

B) Mas este conto aborda sobretudo uma história de amor - de um amor não correspondido que assume cariz demonstrativo depois da morte de um dos pares; é, por isso, um amor póstumo. Os discursos do narrador¹¹, o discurso indirecto livre de Rosalinda, repleto de ternura¹² e o discurso directo, enquanto solilóquio¹³, persistem em mostrar a correspondência unívoca da relação amorosa (no sentido de Rosalinda para Jacinto). Aliás, a escolha do nome desta personagem nada tem de inocente. Jacinto era, na mitologia greco-romana, dotado de grande beleza, tendo-se Apolo apaixonando por ele. Um dia em que todos os deuses lançaram o disco, o vento desviou-o e foi atingir Jacinto na cabeça, matando-o imediatamente. Apolo sofreu um grande desgosto e tentou imortalizar o seu amigo, transformando o sangue que corria, numa ferida, numa nova flor, o «jacinto»¹⁴. Podemos deduzir que também o Jacinto deste conto teria a sua beleza (aliada ao seu carácter donjuanesco) e, apesar de não possuímos o motivo da sua morte, os indícios levam-nos para os seus excessos de *bon vivant*¹⁵. Este desejo de viver, e de viver com beleza, é visível na simbólica dos olhos abertos com que Jacinto é sepultado e que representam metaforicamente a noção de beleza, de luz, do mundo, da vida. Também muitos sarcófagos egípcios eram decorados com o desenho de dois olhos, pois julgava-se que assim o morto poderia observar a vida do mundo exterior.

Nesta relação intervém a dicotomia vida–morte, sendo a primeira, para Rosalinda, equiparada ao namoro e a segunda, ao casamento: «Rosalinda, agora, concebia: a vida que juntos despenderam foi um simples noivado, coisa de inacabado juízo. E aceitava, sem mágoa, a lembrança de suas velhas injúrias» (p. 52).

Parece, contudo, que Rosalinda, por amor, tenta ocultar-se a verdade: pelo que nos é dado perceber no conto, se, durante a vida, a sua relação com Jacinto foi equivalente a um namoro, ele teve investimento apenas da parte dela.

Contudo, o amor de Rosalinda é perene e são visíveis, nela, as características do enamoramento: «Que ela agora se bonitava, lustrando seu recente matrimónio» (p. 52). Note-se a conjunção causal, «que», associada ao gerúndio, evidenciando o cunho irónico desta passagem.

C) O texto introdutório do conto conduz as expectativas para um espaço–tempo de morte, de sensação de incompreensão e incapacidade dos vivos para lidarem com os defuntos. Na realidade, o segundo parágrafo do conto introduz o espaço do cemitério, bem como o motivo pelo qual Rosalinda aí se dirige: a visita à campa do falecido marido. Abundam neste parágrafo as

¹⁰ Esta infidelidade assume um carácter doentio, bem visível nas expressões: «atento aos encontros do porvir» e «eterna infidelidade» (p. 51).

¹¹ Cf. «Morto sem cura, amor sem remédio» (p. 52).

¹² Cf. «Afinal, o Jacinto, meu Jacinto» (p. 52).

¹³ Cf. «—Amor certo é mais que único» (p. 52).

¹⁴ Cf. Pierre Grimal, *Dicionário da mitologia grega e romana*, Linda-a-Velha, Difel, 1992.

¹⁵ Jacinto vive despreocupado, dedicando-se à bebida e às mulheres, pois a sua divisa era: «A vida não vale as penas» (p. 50).

palavras do campo semântico lúgubre: «cemitério» (duas vezes), «triste», «campa», «falecido», «traseiras da vida», «moradias subterreas», «sombra», «sozinha», «defunto» (pp. 49-59).

Este espaço da morte é centrípeto: o amor de Rosalinda por Jacinto ganha sobretudo relevo e manifestação visível após o falecimento do marido. É a morte que permite exclusividade na admiração amorosa. A identificação morte-matrimônio (este percebido enquanto núcleo de exclusividade) é igualmente uma constante na segunda parte do conto. Assim, expressões como «subterrâneo namoro» (p. 52) são frequentes para acentuar o matiz póstumo deste amor macabro.

A este cenário tétrico, junta-se o simbolismo (da morte e de angústias) da noite. Note-se que o esquema da troca das inscrições dos túmulos se verifica à «noitinha» (p. 54).

3. ... «a nenhuma» — a previsível demência

«A nenhuma» aparece no título do conto como um cognome, um epíteto explicativo e caracterizador da personagem Rosalinda.

Desde o início do conto que os indícios de uma Rosalinda que se despersonaliza, de personalidade fraca e temperamento estático, se vão agrupando. Contudo, são indícios ténues e, só no final da narrativa, esta segunda parte do título, ganha relevância total evidenciando a alienação da personagem. Assim, Rosalinda, a viúva, é apresentada como «esquecida de ser» (p. 49), como se de uma morta-viva se tratasse. Através do estilo peculiar e coloquial, o narrador retrata-nos essa Rosalinda que «se antepassava» (p. 50) nos «seus retroactivos pensamentos» (p. 50), vivendo como num não-tempo, não sentindo, por isso, a passagem elíptica do tempo: «Assim se foram prostrando as datas, anos suados, anos somados» (p. 50).

O monólogo interior, na última parte, evidencia, porém, a distinção entre passado e presente, para Rosalinda. A sua pretensão a ascender ao grupo daqueles que têm uma personalidade forte, agora que sente o seu poder para além da morte, depois da troca das inscrições dos túmulos¹⁶ e das consequências que daí advieram, contrasta com a consciência de que sempre fora «nada»: «Antes eu sempre desconsigui» (p. 54).

À medida que o leitor se aproxima do desfecho da narrativa os sinais de loucura da personagem acentuam-se, através sobretudo de um discurso onde sobressaem as sensações auditivas e visuais: «Rosalinda saltava sonoras risadas» (p. 54); «entornava aguardente num invisível copo, servia-se de ocultas carícias»; «e empurrava ninguém»; «seus risos»; «suas gargalhadas» (p. 55).

O clímax, coincidente com o desenlace, é previsível: resta a Rosalinda o hospício, o «lugar sombrio onde ela se converteu em ausência». E é esta ausência que desfere o último golpe da nulidade humana. Tanto mais que, tendo este conto uma organização circular (o texto inicia-se com a palavra «Rosalinda» e termina com a expressão «a nenhuma», completando-se, assim, o título do conto), era previsível, também pelos indícios que se foram acumulando e que fomos mostrando, que Rosalinda culminasse num estágio de alienação, de não-ser.

Concluindo

«Rosalinda, a nenhuma», nome de uma desgraçada qualquer, de uma mulher do povo: esta seria uma hipotética definição de um leitor que passasse rapidamente os olhos pelo título do conto. Se esse mesmo leitor se demorasse, comprovaria as suas expectativas e ficaria sensibilizado com a dupla tragédia que atinge a personagem principal: Rosalinda é infeliz, porque desproporcionada fisicamente e porque o amor não lhe sorriu atempadamente, mas também porque, no final, a acolhe o estado de loucura. Rosalinda é, pois, a personagem marginalizada, por Jacinto, pelos Outros, pelo narrador e, finalmente, pela vida.

¹⁶ Note-se a ironia desta passagem: a infidelidade de Jacinto prolonga-se na morte e apenas a artimanha de Rosalinda consegue superar esse obstáculo.

A solidão da protagonista leva-a a dedicar-se, por inteiro, ao defunto; vivendo assim um «subterrâneo namoro» (p. 52) ou um amor póstumo e irreal, de uma «esposa póstuma» (p. 54). É uma esposa *teórica*, que nunca foi estimada pelo marido.

A personagem principal encontra-se, como grande parte das personagens miacoutianas, irremediavelmente só¹⁷, quer física, quer psicologicamente. E daqui decorre o estado final de demência.

Assim, «Rosalinda, a nenhuma» é uma estória popular que versa sobre uma mulher vulgar. Para acentuar este cariz popular, o narrador utiliza, também, uma linguagem do quotidiano, do meio onde vive essa personagem. Aliás, o estilo usado demonstra características oralizantes: as frases curtas¹⁸, o uso de metáforas¹⁹, as frases elípticas²⁰ e os neologismos²¹.

¹⁷ Cf: «Ela ali se deixava, na companhia sozinha do defunto» (p. 50). A solidão é uma das características que podemos encontrar noutras personagens de contos como: «O pescador cego» ou «A princesa russa».

¹⁸ Cf: «Visitava o cemitério» (p. 49).

¹⁹ Cf: «O desfolhar das tardes» (p. 49).

²⁰ Cf: «A boca é o esconderijo do coração? No caso, até nem» (p. 51) - sublinhado nosso.

²¹ Cf: «A outra paraviúva» (p. 54) e «antes, eu sempre desconsigui» (p. 54), por exemplo.

REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, Jean, *et alii*. 1994. *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
- COUTO, Mia. 1990. *Cada homem é uma raça*. 3 ed. Lisboa: Caminho.
- GRIMAL, Pierre. 1992. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Linda-a-Velha: Difel.
- LARANJEIRA, Pires. 1995. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 255-263 e 311-329.